

O FLÂNEUR ENTRE A URBANIDADE E AS MULTIDÕES

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo*



Figura: Sujeito Estilhaçado.

Fonte: Exposição Sujeito Estilhaçado de Teófilo (2012).

O surgimento, e afirmação, do flâneur são concomitantes à expansão urbana ocidental, principalmente a partir da remodelação social, política e econômica, ocorridas a partir do século XIX, quando a segunda fase da revolução industrial marcava seus passos nos centros comerciais europeus. Seguindo os dizeres de Passos (2003) nos perguntamos: “Mas quem é o *flâneur*? É um observador que caminha tranquilamente pelas ruas,

* Professor de Geografia do Magistério Público do Distrito Federal; discente de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro (UNESP-Rio Claro/SP); membro do Comitê Acadêmico da *Geodiálogos: Revista Eletrônica de Diálogo e Divulgação em Geografia*. Correio eletrônico: gcca99@gmail.com

apreendendo cada detalhe, sem ser notado, sem se inserir na paisagem, que busca uma nova percepção da cidade.” Novamente, sua circunscrição no modelo urbano-industrial nascido na virada moderna eclode como seu nascedouro: “E para situar a curiosa figura do *flâneur* no tempo, é preciso entendê-lo, antes de tudo, como uma figura nascida na modernidade.” (PASSOS *et al*, 2003, p. 6).

Estas são as diretrizes que formam o flâneur, compreendido como um ser, ou melhor, um estar sendo de suspensão em meio a toda complexidade da cidade, do urbano, da decadência moral vã e vil, e toda a descoloração do viver, mesmo que a pulsão técnica defenda, pelo estandarte do cotidiano citadino, retoricamente, o contrário desta condição.

Na medida em que o indivíduo submetido a esta forma de existência tem de chegar a termos com ela inteiramente por si mesmo, sua autopreservação em face da cidade grande exige dele um comportamento de natureza social não menos negativo. Essa atitude mental dos metropolitanos um para com o outro, podemos chamar, a partir de um ponto de vista formal, de reserva. Se houvesse, em resposta aos contínuos contatos externos com inúmeras pessoas, tantas reações interiores quanto às da cidade pequena, onde se conhece. quase todo mundo que se encontra e onde se tem uma relação positiva com quase todos, a pessoa ficaria completamente atomizada internamente e chegaria a um estado psíquico inimaginável. Em parte esse fato psicológico, em parte o direito a desconfiar que os homens tem em face dos elementos superficiais da vida metropolitana, tornam necessária nossa reserva. Como resultado dessa reserva, frequentemente nem sequer conhecemos de vista aqueles que foram nossos vizinhos durante anos. E é esta reserva que, aos olhos da gente da cidade pequena, nos faz parecer frios e desalmados (SIMMEL, 1973, p. 17).

Aquiesce-se o fato deste perambulador urbano, o flâneur oitocentista ser, irremediavelmente, uma metamorfose ontológica estilhaçada, presente na corporeidade ôptica de suas novas representações, interpretações e manifestações. Ao mesmo tempo é preciso admoestar-se as vias passíveis de relativização do conceito sem, é claro, deixa-lo de trazê-lo para os dias atuais, enriquecendo ainda mais a leitura de nossa realidade.

A composição arquitetônica monumentalista e direcionada ao futuro ufanista do discurso moderno contemporâneo, em meio às diferenciações

sociais inevitáveis, contribui para o aumento da fenomenicidade do flâneur em aglomerações urbanas como São Paulo, Brasília, Tóquio, Nova Iorque, Johannesburgo, Londres, Paris, Hong Kong, Los Angeles, Buenos Aires, etc. Este andarilho dos grandes centros, nexos inevitáveis das multidões nos acompanha e, porque não, acomete-nos:

A multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é desposar a multidão. Para o perfeito flâneur, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidivo e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a linguagem que a linguagem não pode definir senão toscamente. O observador é um príncipe que frui por toda a parte o fato de estar incógnito (BAUDELAIRE, 1995, p. 857).

Este indivíduo é habitante, membro e definidor da multidão de nossa ecumenópolis contemporânea, formada por infindáveis substratos desta imensa urbanosfera, selva de concreto e aço a se expandir de forma desenfreada à sombra do estandarte progressista do novo milênio, com sua cultura de massas, intensa ressignificação do consumo, a fluidez relacional estendido do cenário financeiro às decisões políticas, mais radiais e capilares do que em épocas pretéritas. Na diversidade deste ente pulsante que é a metrópole emana-se toda uma gama de individualidades, cada qual ocupando seu espaço no mosaico social formador da cidade no século XX e XXI, diferente da heterotopia da atualidade (ARAÚJO, 2015).

A referência a este personagem urbano por natureza pode ser vista em obras literárias como: *O flâneur* de Emundo White, *Memórias do Subsolo* de Fiodor Dostoievski, *A Náusea* de Sartre, *Servidão Humana* de Sommerset Maugham, *O Apanhador no Campo de Centeio* de Jerome David Salinger, O

Homem Duplicado de Saramago, *Insônia* de Graciliano Ramos, dentre outras menções, diretas ou não, ao arquétipo do andarilho da urbanidade.

Um dos principais argumentos para a reinterpretação do flâneur na contemporaneidade parte de sua relação com o tempo e os relacionamentos, fraternais ou amorosos, cada vez mais efêmeros e fluídos: “O tempo da contemporaneidade é vertiginoso, parecendo engolir a todos e sempre faltoso e insuficiente para os inúmeros afazeres dominados pelo relógio” (ARAÚJO LIMA; GERMANO, 2008, p. 356).

A aceleração temporal, encurtamento de distancias, e também a infinidade de elementos técnicos fazem com que este fenômeno de falta de identificação com o meio e os outros, como é o caso da internet, se aprofunde ainda mais: “Alguns críticos da modernidade consideram que hoje os vínculos entre os indivíduos ganham laços mais frouxos, resultando na dificuldade ou impedimento dos compromissos duradouros – o que se dá, entre outros fatores, devido às inúmeras possibilidades de ‘conexão’ existentes” (ARAÚJO LIMA; GERMANO, 2008, p. 353).

Este cenário faz com que o conceito de flâneur, o perambulador e andarilho da cidade veloz, aloque-se em novas possibilidades interpretativas, como as redes sociais, por exemplo, o seu rito de observação do entorno eleva-se a todas as plataformas em que sua vida diária percorre: “A ascensão do flâneur, portanto, aponta para um observador da cidade, que é muito mais envolvido na decifração hermenêutica do espaço da cidade.” (MURAIL, 2013, p. 90). E Murail (2013) ainda complementa dizendo que: “Neste ponto de vista, o flâneur combina o sonho de uma visão totalizadora e o poder de caminhar para o interior e para penetrar na ‘colmeia’ da sociedade, para usar as palavras de Balzac” (MURAIL, 2013, p. 90).

Esta última visão do flâneur é visto, por exemplo, em ótimas obras fílmicas recentes como *Her* (2013), *O Homem das Multidões* (2014) e *Sob a Pele* (2013), todos tratando da condição cética, hermética e melancólica de indivíduos em meio seu dia-a-dia, tendo conectar-se – ou não –, a ele, na alegoria significativa de Sartre perante a infinitude nadificante do todo

mundano. A vida urbana nos traz certas condições e sensações de ambientação e relacionamentos, em extremos agradáveis ou não, de possibilidades e debilidade de opções, com infundáveis rumos de possibilidades ou cerceamento de escolhas etc.

Enfim, cabe a cada um de nós a reflexão sobre ter recebido a sensação, ação e ambientação, inevitável pela condição urbana, do flâneur, e isso em todas as frentes de manifestação desta condição existencial que, apesar de se embasar em um olhar mais frígido sobre a realidade, nos permite questionar as camadas do existir, mesmo que para isso precisemos perambular por ele, indefinidamente.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO LIMA, Daniel Mattos de; GERMANO, Idilva. Nomadismo e solidão na cidade veloz: alegorias da compressão do tempo espaço na ficção de Caio Fernando Abreu. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 343-363, jun. 2008.

ARAUJO, Gilvan Charles Cerqueira de. O urbano e a cidade em simbologias (hetero)tópicas: argumentos para uma crítica sobre a patrimonialização. In: *Observatorium*, v. 7, p. 67-93, 2015.

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: BARROSO, Ivo (org.). *Poesia e prosa*: volume único Charles Baudelaire. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

MURAIL, Estelle. *Beyond the Flâneur. Walking, Passage and Crossing in London and Paris in the Nineteenth Century*. PhD in English Language and Literature. Londres: King's College London, 2013.

PASSOS, Fernanda *et al.* O novo flâneur Personagem da Era Moderna, o flâneur ainda incita o pensamento urbano contemporâneo. *Eclética*, jul.-dez. 2003.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

TEÓFILO, João. *Exposição Sujeito Estilhaçado*. Brasília: Biblioteca Nacional, 2012.